



Facebook, Crise e Expectativas

Artur Coelho¹
Hugo Eduardo Meza Pinto²
José Guilherme Vieira³

A abertura de capitais (IPO) do Facebook, realizada em 21/05/2012, nos Estados Unidos, foi um dos eventos do mercado financeiro mais comentados das últimas semanas. Em tempos de crise financeira internacional, insolvência de várias economias robustas como as europeias, ter uma abertura de capital desse porte é, digamos, uma postura contra o convencionalismo. O Facebook é a maior rede social do mundo da internet. Deve chegar a 1 bilhão de usuários até agosto desse ano, o que corresponde a quase 14% da população mundial. Em 2011, essa rede social faturou 3,7 bilhões de dólares. Porém, apesar de toda essa expectativa criada nessa abertura de capital as ações da empresa, na primeira semana de negociações, não demonstraram a mínima intenção de se valorizarem acima das expectativas colocadas pelos investidores. Os três primeiros dias de negociações foram um fiasco. As ações chegaram a cair 10% do preço base. De US\$ 40,5 por ação chegaram a custar US\$31,12.

Por que o Facebook perdeu o encanto? Especulação pura, aliada às péssimas notícias da economia mundial. Isso é um reflexo da crise que teve início em 2008 e continua contaminando o mundo econômico. Naquele ano, a crise teve início com a divulgação de problemas nas garantias das hipotecas imobiliárias nos Estados Unidos, levando a quebra de bancos tradicionais que operavam no mercado norte-americano e que emprestaram dinheiro para quem não podia pagar. Resultado: falência de alguns bancos e intervenção governamental para evitar o colapso do sistema financeiro e uma recessão mais profunda. Ocorre que, ao injetar recursos em bancos, os governos aumentam seus gastos, no momento em que a economia está diminuindo seu nível de crescimento, e o resultado é previsível: aumento substancial do déficit público.

No caso da Europa, em países em que esse déficit já era elevado como no caso de Grécia, Portugal, Irlanda, Itália e Espanha, que cada vez mais sofrem com o elevado endividamento, a única saída é a austeridade fiscal que, na prática, significa enxugar os gastos públicos, por meio do corte de benefícios sociais, além de aumento da arrecadação por meio da tributação. Porém, ao adotar essas medidas os governos restringem ainda mais as atividades econômicas e geram descontentamento, greves e manifestações. Expondo a fragilidade do sistema financeiro em todo o mundo (Europa e

¹ Mestre em Desenvolvimento Econômico pela UFPR e professor das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba

² Doutor pela USP e professor das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

³ Doutor em Desenvolvimento Econômico pela UFPR e professor das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba e da UFPR.

também estados Unidos), além de gerar medo nos investidores, até mesmo os do Facebook. E o ciclo se repete. Em 2008 os bancos americanos, sofreram com a exposição a hipotecas do subprime, agora, em 2012, as instituições europeias sentem os efeitos da exposição a títulos da dívida dos países da zona do euro.

O Brasil não está imune a esse cenário, pois já vem mostrando sinais claros de restrição das atividades produtivas em função do grau de endividamento das famílias, do desespero das montadoras em vender seus estoques de automóveis, do setor imobiliário que insiste em afirmar que existe demanda para os imóveis, porém, não leva em consideração o preço irreal dos imóveis ofertados e que triplicaram nos últimos cinco anos e também do Governo Central que estimula as famílias a se endividar via crédito para manter, de forma artificial, aquecida a atividade econômica.

Resumindo: se o cenário mundial não está propício para o Facebook, quem dirá para os outros negócios.

A JANELA ECONÔMICA é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.